

A RELAÇÃO MUSEU E ESCOLA: UM DUPLO OLHAR SOBRE A AÇÃO EDUCATIVA EM SEIS MUSEUS DE MINAS GERAIS ¹

THE MUSEUM AND SCHOOL: A DOUBLE-LOOK ON THE EDUCATIONAL ACTION IN SIX MUSEUMS OF MINAS GERAIS

*Silvania Sousa do Nascimento*²

RESUMO: O presente artigo apresenta uma discussão sobre as atividades desenvolvidas de 2006 a 2010 no projeto com o mesmo nome financiado pela Fapemig (SHA APQ 7059-506/07). O objetivo geral do projeto foi articular dois olhares sobre a ação educativa desenvolvida em seis museus mineiros. O primeiro olhar buscou diagnosticar e sistematizar ações educativas e culturais em museus da região metropolitana de Belo Horizonte. O segundo olhar trouxe o foco da pesquisa para a sala de aula e visou promover o encontro entre os professores da Educação Básica e os profissionais dos museus.

PALAVRAS-CHAVE: Ação educativa. Formação de professores. Ação cultural. Expografia. Escola. Museus.

ABSTRACT: This article presents a discussion about the activities developed from 2006 to 2010 in the project with the same name funded by FAPEMIG (SHA APQ 7059-506/ 07). The general objective of the project was to articulate two perspectives on the education action developed in six museums of Minas Gerais. The first approach sought to diagnose and systematizing educational and cultural museums actions in the Belo Horizonte metropolitan area. The second look has brought the focus of the research to the classroom and aimed to promote the meeting between the teachers and professionals of the museums.

KEYWORDS: Education. Teacher training. Cultural action. Expography. School. Museums.

¹ Apoio FAPEMIG e CNPq

² Doutora em Didactique des Disciplines pelo Université Pierre et Marie Curie. Professora do Programa de Pós Graduação em Educação e do DMTE-UFMG. Faculdade de Educação UFMG-DMTE. E-mail: silnascimento@ufmg.br

1. Repensando a relação Museu e Escola

As instituições museológicas no século XXI enfrentam desafios decorrentes do desenvolvimento da sociedade de informação e do constante processo de inovação social e tecnológico. Novos tempos e novas formas de interação promovem encontros de olhares contemplativos e educativos ao mesmo tempo em que transformam as cidades e seus espaços culturais em territórios educativos. Os museus, dentro desse novo cenário, além de abrigar coleções de objetos de arte e de artefatos, se tornaram locais de difusão de conhecimentos e de promoção de saberes. Assim, essas instituições assumiram mais fortemente uma função social de síntese buscando interagir o passado, o presente e o futuro. Nessa síntese, os conflitos entre o real e o virtual, o singular e o plural, desafiam a prática museográfica que se transforma em uma possibilidade de democratização de acesso a uma rede de produção de conhecimentos e de fruição cultural.

No cotidiano dessas instituições novas questões surgem: como construir objetos museais capazes de produzir formas inovadoras de interação entre o conhecimento e os públicos? Como otimizar os processos formativos dos agentes culturais para atuarem como educadores de museus? Como formar professores para dialogar com os espaços museais?

Durante quatro anos, uma equipe interdisciplinar buscou aplicar pressupostos das pesquisas em educação aos programas educativos de seis museus da região metropolitana de Belo Horizonte. Tentamos compreender como o cenário da exposição influencia o desenvolvimento de práticas educativas, principalmente integrados à relação museu e escola. Essa pesquisa deu continuidade a outras sobre práticas expográficas entendida como uma prática discursiva (NASCIMENTO, 2007) e considerou resultados de pesquisas sobre a Educação e a Mediação Científica (COSTA, 2004; NASCIMENTO, 2003 e MARANDINO, 2005).

Os estudos sobre relações Museu e Escola são diversos, tal como Dutra (2012) recupera em sua revisão bibliográfica. Nesses, os diversos dispositivos de ensino presentes na prática profissional dos professores da educação básica ainda representam, no contexto brasileiro, um campo pouco explorado pela pesquisa em educação (CORRÊA, 2003). As práticas de leitura de textos de gêneros diversificados, as estratégias de jogos teatrais, as leituras dramáticas, percursos de leituras em páginas de livros virtuais, leituras de objetos em museus, os projetos de pesquisa de campo e de pesquisa documental têm sido alguns dos dispositivos de ensino identificados em nossas pesquisas do cotidiano dos museus e da sala de aula que nos despertaram a atenção.

Tivemos como objetivo da pesquisa investigar três aspectos centrais inter-relacionados: as concepções dos professores quanto à instituição museu e seu papel para os processos educativos e de aprendizagem, a maneira como os alunos contemplam as visitas e dialogam com os objetos expográficos e a postura dos professores atuando na posição de educadores de museus.

Após quatro anos de atuação no interior das instituições, a equipe responsável pelo projeto sistematizou importantes conclusões ligadas à formação dos profissionais tanto do âmbito do museu quanto da instituição escolar. Os resultados, em geral, apontaram para a ausência da perspectiva da Educação Patrimonial na formação dos professores, uma vez que, em sua maioria, observamos uma postura conservadora relacionando a ideia de museu a repositório de objetos com a finalidade única de armazenar e apresentar coleções. Muitos docentes concebiam a instituição como um lugar onde os conteúdos abordados em sala de aula são, durante a visita ao museu, “comprovados” por meio da interação entre os alunos e os objetos de exposição. A exposição, neste caso, foi tomada como algo pronto e acabado, não passível de diálogo. Igualmente, as visitas observadas nesses espaços museográficos estiveram sujeitas à transposição de rituais e de procedimentos escolares. Observamos uma prioridade da função de complementaridade do museu às práticas escolares. As instituições museológicas acompanhadas, por vezes, adquiriram um papel ilustrativo conservando sua política de captação e formação de público submetendo-se suas finalidades e procedimentos aos escolares. Constatou-se a existência de um círculo vicioso onde ambas instituições, museu e escola, minimizaram suas múltiplas possibilidades de interação caso fossem reconhecidas suas especificidades.

Pretendemos neste artigo relatar a metodologia desenvolvida no contexto da pesquisa para difundir nossa experiência de formação de mediadores culturais, gestores e administradores de museus e professores da Educação Básica. Em um segundo momento, buscaremos entender a interatividade e a mediação cultural promovida nas cenas discursivas estudadas. Destacamos que estes resultados são frutos de um trabalho de equipe de pesquisadores³ e do envolvimento de uma centena de mediadores culturais e professores que gentilmente participaram da pesquisa.

2. Por que analisar a relação Museu e Escola?

A criação dos museus, na sociedade moderna ocidental, acompanhou o processo de democratização da cultura, abrindo as portas das grandes coleções privadas de relíquias religiosas e artes plásticas. A expansão industrial, nos séculos XVIII e XIX, criou um novo sujeito de exposição - a *tecnologia*, e um novo público - o cidadão urbano em seu tempo de lazer. Entre a contemplação e o poder estabelecido pelas coleções individuais, o fortalecimento de estabelecimentos públicos e privados, as exposições universais e valiosas práticas sociais de exposição, os museus entrelaçam uma rica história na constituição dos atuais espaços de museais (NASCIMENTO e VENTURA, 2001). Até o final do século XVII, os *cabinets de curiosités* constituíram uma importante face da museografia cujo centro era o colecionador. O grande acervo constituído nesses gabinetes possuía acesso restrito guiado pelo próprio colecionador apresentando o discurso do aventureiro, conquistador ou naturalista.

No século XX, a museologia mudou seu foco e quebrou o paradigma de formação de grandes coleções para promover a fruição da cultura e dar acesso aos bens culturais e as tecnologias do mundo contemporâneo. A nova museologia passou assim, a produzir uma própria cena de apresentação de objetos muitas vezes criados unicamente no processo de musealização.

As mutações ocorridas na museologia do século XX, de forma simplificada, refletem a modernização dos espaços culturais cuja complementaridade entre coleção e arquitetura envolve o projeto de museu e, o que chamarei de dessacralização do espaço museológico representada pela criação dos chamados museus de sociedade (históricos, técnicos, de empresas, ecomuseus...) que incorporam já uma visão ampliada do conceito de museu (NASCIMENTO, 2006). Os novos museus criados nos final do século XX valorizaram tanto histórias locais quanto temas universais como o museu do tempo, o museu da moda ou o museu das medidas. Observamos nesses museus uma mudança de foco da exposição cenográfica de objetos visando a sedução do público pelo destaque do discurso em torno dos objetos. Tudo isso implica na reorganização dos espaços internos e externos permitindo transformar o museu em um local de hipóteses, de pesquisa, de prospectiva.

As novas tendências museológicas apontam para a diversidade das práticas sociais e em geral, se afastam de formas consagradas de edifícios majestosos e reluzentes e se aproximam de uma arquitetura ousada e integrada ao contexto do visitante. Os museus pensados para o século XXI buscam abordar os temas a partir da contemporaneidade e simultaneidade da sociedade e conciliam questões que, até então, eram consideradas separadas: a ciência, a técnica, a arte e o homem.

A contemporaneidade dos museus está presente na Declaração de Santiago da Comissão Internacional de Museus - Icom, Unesco de 1972, que enuncia a instituição museal a serviço da sociedade fornecendo elementos que lhe permita refletir e agir sobre seus problemas do cotidiano. A instituição distante, obcecada em apropriar-se dos objetos para fins taxonômicos, tem cada vez mais dado lugar a uma entidade aberta consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social. Adotevi já anunciava profundas mudanças em 1971 para os museus em uma idade pós-moderna:

³ Agradecemos todos os participantes da pesquisa que participaram na coleta e análise dos dados.

Criação de uma idade pré-industrial, conservada pelos tiques dos literatos e as inibições esnobes, o museu é teórica e praticamente ligado a um mundo (o mundo europeu), a uma classe (a classe burguesa cultivada), a certa visão de cultura (nossos ancestrais gauleses e os primos, grandes, dolicocefalos loiros de olhos azuis). Esse mundo está, sem dúvida, desaparecendo, por vezes liquidado pelo rigor interno da sociedade industrial e pelos ataques ferozes de uma história, mas o museu ainda é o lugar da concentração mágica das obsessões empoeiradas de uma classe que sempre acreditou na extensão de seu poder... (BRUNO, 2010, p. 28).

Essas preocupações foram renovadas vinte anos mais tarde, em 1992, na declaração de Caracas legando-nos a certeza de que devemos considerar a museologia social como um elemento fundamental para pensar um museu para o século XXI.

A necessidade de aprofundarmos nos aspectos da ação educativa na interface das instituições: museu e escola, assim como conhecer mais sobre o público dos museus, tem sido fruto de discussões em esferas políticas evidenciada pela proposta do IPHAN da criação do Instituto Nacional de Museus – Ibram, e a implantação do Observatório Nacional de Museus e Centros Culturais. Mesmo com um crescimento extraordinário nos últimos vinte anos temos cerca de 4.390 cidades, 78% dos municípios brasileiros, sem o registro de um só museu e 771 municípios, segundo dados do IBRAM, com o registro de apenas uma instituição museológica. Segundo o Cadastro Nacional de Museu – CNM (BRASIL-MIC-Ibram, 2010), cerca de 50% dos museus responderam ter um setor específico para cuidar das ações educativas sendo que mais de 80% delas são descritas como visitas guiadas. Em Minas Gerais, foram cadastradas no CNM em 2010, 319 instituições museais presentes em 149 municípios das quais pouco conhecemos sobre a dinâmica de ações educativas voltadas para o público escolar. Entre as capitais da região sudeste, onde se concentra os museus do país, Belo Horizonte apresenta a menor relação entre museus do estado e museus da capital, o que significa que temos uma melhor distribuição no território que os demais estados. Escola e museus, como duas instituições responsáveis pela preservação da memória cultural, se encontram no desafio de ampliar o acesso aos bens culturais a um contingente enorme da população que estão, ainda, privados do direito à fruição cultural.

3. A interatividade e a mediação nos museus

Nossas pesquisas vêm mostrando que podemos analisar a interatividade nos museus em três níveis, considerando o museu um sítio comportamental onde regras e normas socioculturais determinam algumas condutas e privilegiam alguns níveis de interatividade (COSTA e NASCIMENTO, 2002). O primeiro deste visa catalisar a atenção do visitante no sentido da sensibilização de características físicas e estéticas do objeto. Para isso, os espaços não escolares têm privilegiado a observação passiva dos objetos. Nomeamos este nível como *interatividade contemplativa*. A manipulação vem em oposição à contemplação, desencadeando no visitante um comportamento ativo com relação ao objeto exposto. Na literatura anglo-saxônica estas situações são denominadas de *hands on*, onde o visitante manipula, toca, cheira e experimenta o objeto. Nós preferimos usar o termo de *interatividade direta* para este tipo de manipulação que há nos espaços museais. Nestes dois níveis, tratamos a relação do visitante com objetos temporalmente presentes, ainda que de maneira virtual. Contudo, existem os objetos ausentes, presos na memória do visitante, aqueles que são acessíveis através de uma *interatividade reflexiva*. Na literatura, algumas vezes, este tipo de interatividade é chamada de *minds on*. O visitante dialoga com os objetos e fenômenos questionando e relacionando sua ação presente ou passada. O conceito de interatividade nos auxilia em parte a compreender a interação do sujeito com os objetos dos museus. Porém o conceito de mediação cultural nos abre outra porta.

Falar de mediação, nas diversas abordagens que lhe podem ser atribuída, é, acima de tudo, pensar em uma cartografia de ações entre o sujeito e o objeto. Como estamos focando na relação Museu e Escola, as disciplinas escolares assumem um papel importante por definir a

necessidade de objetivação de um conhecimento. Já no museu, os objetos assumem tal papel e promovem confrontos por semelhanças e diferenças em um movimento dialético de conhecer. A mediação cultural e semiótica viabilizada nesse espaço estabelece uma relação entre o sujeito social e o objeto designado, isto é, promove um agir produtor, reflexivo e finalizado do sujeito sobre o objeto. É nesse sentido que em nosso projeto colocamos sujeitos pertencentes a territórios de ações educativas diferentes: as escolas e os museus, trabalhando de forma convergente sobre os objetos museais. Os dispositivos analíticos que usamos para a análise de entrevista com gestores de museus nos permitiram destacar três ideias de mediação cultural nesses espaços (NASCIMENTO e ALMEIDA, 2009). A primeira estabelece uma relação de ligação ou ponte entre o sujeito e os objetos museais, logo a mediação tem uma função de demonstração. A segunda apresenta uma relação de negociação entre um conflito de significado, uma vez que o objeto museal é colocado em uma hierarquia diferente daquela do sujeito. Nesse caso a mediação exerce uma função de resolução de problema. Já a terceira, estabelece uma relação de transformação e assim a mediação presente tem uma função de produção de significado, em geral novo!

4. Metodologia de desenvolvimento do projeto

Foi adotada uma metodologia de pesquisa qualitativa, orientada por uma perspectiva naturalista (LINCOLN e GUBBA, 1985). Portanto, o foco da pesquisa foi o significado que os participantes construíram, em contextos naturais, isto é, o ambiente expográfico produzido pelos museus e as escolas parceiras sem interferência dos pesquisadores. Várias estruturas de análise foram combinadas para atender aos objetivos e metas da pesquisa, refletindo a noção de pesquisador enquanto *bricoleur* (DENZIN e LINCOLN, 2000) e buscando desenvolver uma metodologia mais apropriada a tais objetivos. Nosso procedimento de coleta de informações foi baseado na observação micro-etnográfica da dinâmica de interação, gravadas em vídeo e áudio, enquanto a análise da produção discursiva foi transposta de um quadro teórico sócio-comunicacional (NASCIMENTO, 1999).

A observação consistiu na participação passiva do pesquisador, que mergulhou exaustivamente em uma situação alheia e foi acompanhado de narrativas sistemáticas registradas no caderno de campo. As gravações em áudio e vídeo complementaram a observação e capturaram interações que não puderam ser percebidas pelo pesquisador (arranjo espacial dos objetos, identificação dos interlocutores, gestos, falas etc.). As produções de textos das exposições: legendas, guias, projeções, diagramas, desenhos etc., foram analisadas com ferramentas de análise de discurso para caracterizar evidências dos diferentes aspectos cognitivos e interacionais. A coleta de informações foi realizada em expografias selecionadas a partir da análise das características predominantes do estado.

Fundamentalmente aplicamos três procedimentos para coleta de informações, uma o registro xerográfico de documentos escritos produzidos ou utilizados pelas instituições (relatórios, atas, súmulas, folhetos, clipes) e pelos participantes, tais como textos de apoio, exercícios, notas, trabalhos desenvolvidos, planos de aula do professor, anotações do professor e outras atividades que produzem registros escritos. A segunda foi a partir de questionários e entrevistas que visaram o mapeamento de percepções de educadores, agentes culturais e alunos acerca das ações educativas em curso em cada um dos museus. A análise destes questionários levou em conta as situações e circunstâncias de aplicação, bem como a natureza dos dados obtidos através de instrumentos que coletam declarações profissionais e percepções e, não propriamente, as ações educativas em sua dinâmica e complexidade. O cruzamento de dados e percepções obtidos através do uso de dois instrumentos nos permitiu construir um quadro circunstancial de informações, declarações e movimentos de contexto com vistas ao delineamento das ações educativas em andamento nos museus pesquisados. Finalmente, o terceiro foi após o contato com a instituição na qual seria realizada a pesquisa (devidamente representada pelo coordenador do departamento envolvido) e com os potenciais sujeitos (voluntários), mediante contato direto e envio de ofício informando sobre

os dados gerais do estudo e solicitando autorização escrita para seu desenvolvimento. O terceiro tempo foi a observação presencial com anotações em cadernos de campo, gravações em áudio e vídeo em mídias digitais, e recolhimento dos documentos escritos relativos às ações educativas. A utilização conjunta dos instrumentos de coleta visou à reconstituição das situações observadas de tal forma a preservar os vários elementos não verbais, tais como, gestos, olhares, manipulação de materiais etc., que constituem a produção discursiva nestas situações. Tentamos captar, mesmo que etereamente, parte do intangível da complexidade presente durante uma visita escolar. No cômputo deste artigo, por limitação temática, excluímos dados do terceiro momento que podem ser consultados nas dissertações de Greiene Lopes dos Santos (2008), de Mariana Queiroz Bertelli (2010) e na tese de Soraia Freitas Dutra (2012).

A primeira etapa de qualquer estudo que utilize dados verbais é a aplicação de procedimentos de transcrição, visando à obtenção de textos escritos, especificamente produzidos para cada tipo de situação observada. A transcrição das fitas de áudio e vídeo, das ações educativas e das entrevistas, foi realizada através da utilização de um software de transcrição e tratamento de imagem. Nesta pesquisa buscamos tratar a informação, preservada em forma de mídia digitalizada. O conjunto de dados constitui um banco de dados, de consulta restrita aos pesquisadores, que pode ser revisitado várias vezes ao longo de toda pesquisa. A análise foi orientada principalmente por dois referenciais metodológicos: a etnometodologia e a fenomenologia.

5. Resultados

Durante o primeiro ano do projeto realizamos reuniões mensais que, além de permitir a consolidação do grupo de pesquisa, organizou e direcionou os trabalhos da equipe, entre os quais, a pesquisa de campo, as leituras e os relatórios iniciais da coleta de informações. O grupo foi registrado no CNPq e certificado pela UFMG com o nome de Laboratório de Estudos em Museus e Educação - LEME (www.fae.ufmg.br/leme).

A conclusão da primeira fase de pesquisa documental no cadastro da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais nos permitiu a definição da amostra e a formação da equipe para a coleta de informações. Por questões de amostragem e em fase de ajuste da metodologia e do orçamento, limitamos a pesquisa a seis museus do estado, que possuía naquele ano 272 museus cadastrados. Atualmente, Minas Gerais possui registrados no CNM 319 museus, sendo que 41 estão em Belo Horizonte. Nosso primeiro objetivo de investigação foi definir critérios de seleção dos museus que compuseram o estudo. Os critérios foram:

1. Regionalidade: por não existir recursos para deslocamento, restringimos o estudo à região metropolitana de Belo Horizonte.
2. Organização institucional: buscamos selecionar museus com diferentes vínculos institucionais, pontuados pelo cadastramento da Superintendência de Museus da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerias em públicos e privados.
3. Organização temática: em função da composição da equipe, selecionamos museus que se definiram dentro do cadastramento em acervos históricos, artísticos e de ciências da natureza.
4. Engajamento na pesquisa: os museus foram selecionados e todos aceitam o convite em participar da pesquisa.

A coleta de informações envolveu todos os membros da pesquisa. O grupo se subdividiu em duplas e cada uma delas foi responsável por investigar e diagnosticar as propostas de ação educativa

de cada um dos museus integrantes. Esse trabalho resultou de relatórios diagnósticos feitos por cada dupla. A análise e sistematização desses relatórios permitiram elencarmos categorias de análise das ações educativas dos museus, quais seja público-alvo das ações educativas, característica das visitas: guiada, monitorada, orientada, projetos de educação para o patrimônio para além do acervo dos museus, tipo de registro de visita, tipo de avaliação das visitas e outros.

As expografias estudadas foram definidas a partir de um estudo inicial da tipologia desses museus a fim de caracterizar os Museus nos contextos das instituições mineiras. Essa caracterização apontou as propostas de expografias permanentes e temporárias para seleção o estudo de pelo menos um representante da região metropolitana.

Uma vez as instituições museais definidas e a pesquisa documental realizada, promovemos o I Ciclo de Seminários de Formação para os gestores e administradores desses museus e professores da Educação Básica.

O I Ciclo de Formação, proposto pelo Leme para formação dos agentes de museus, foi estruturado em um *Encontro entre os Museus* que se realizaram em 25/08/2008 e por três *Jornadas Formadoras*, que ocorreram em 20/10/2008; 24/11/2008 e 16/02/2009. Buscamos discutir o valor formativo da participação da equipe dos museus, na construção e na vivência de uma ação educativa, o I Ciclo, foi organizado de forma que os seis museus parceiros apresentaram suas ações educativas e possibilitou, também, que as equipes destes museus conhecessem o Projeto Museu & Escola (NASCIMENTO, 2009).

No contexto da pesquisa foram realizadas sete videoconferências, coordenadas pela equipe do Cefor – (PUC) Minas e financiadas com recursos dessa instituição. Elas se configuram como parte de extensão do projeto e se compuseram no primeiro ciclo de formação no que concerne às questões museológicas e patrimoniais. As equipes dos museus selecionados foram o público privilegiado dessas seções estando presentes no local de geração das mesmas. As videoconferências foram gravadas e constituíram um material multimídia que serviu de apoio às ações de formação do projeto. Foram atingidos nessa ação cerca de 200 participantes, entre mediadores, professores e público em geral.

A primeira, ministrada pela professora e coordenadora do projeto Sylvania Sousa do Nascimento, versou, primeiramente, sobre o percurso histórico do museu revelando as mudanças e permanências dessa instituição, em seguida discutiu algumas questões conceituais sobre o tema, e, posteriormente, levantou alguns pontos relativos à tipologia dos museus. A fala encerrou-se com reflexões acerca do futuro dos museus.

A segunda videoconferência foi realizada pela professora do departamento de História da UFMG, Bethania Gonçalves Figueiredo. Em sua fala, a professora destacou os seguintes aspectos: “Os museus e a criação e invenção humana”, “Para que existem museus”, “As duas pontas da ação Museu/Escola” e “Setor educativo dos museus: setor de comunicação”.

A terceira conferencista, a professora Junia Pereira Sales, também integrante do projeto, forneceu uma leitura e compreensão de alguns aspectos que envolvem a experiência profissional de educadores de museus, com ênfase nas potencialidades formativas da ação educativa e nos significados e relevância do diálogo entre educadores. Fez também, reflexões sobre a prática educativa em ambientes museais e seus fundamentos, com destaque para as mediações que os educadores de museus podem promover na recepção de públicos escolares.

A quarta videoconferência, proferida pela professora Lana Mara de Castro Siman, que também integra a pesquisa em voga, dialoga com os professores e os convidam a ressignificar suas relações com os museus. A partir da incorporação na prática docente das dimensões da cultura e das práticas de memória. A ideia central a ser desenvolvida é a de que a relação que os professores promovem entre os seus alunos e os museus poderá ser potencializada se essa não se limitar ao tempo dedicado por ambos, à preparação, ao desenvolvimento e ao retorno das visitas às exposições museais. A relação com os museus requer a aprendizagem da cultura nas suas dimensões materiais e simbólicas, requer o desenvolvimento da educação dos sentidos e para patrimônio nos espaços da

casa, da escola e da cidade.

Para responder a questão: “Porque visitar um museu ou centro de Ciências sempre é uma experiência empolgante para pessoas de qualquer idade?”, o Professor Dr. Emílio Jeckel, na quinta videoconferência, diz que a resposta mais provável é que estes são ambientes estimulantes e que levam as pessoas a interagir com o conhecimento de uma maneira diferente daquela vivenciada normalmente no ambiente formal da sala de aula ou do laboratório escolar. Assim, a discussão se dá sobre os aspectos da interatividade como o elemento diferencial mais importante a ser explorado pelos museus e centros de Ciências para que estes possam desempenhar a sua função precípua de difusão e popularização da Ciência. Desta maneira, os museus passam a desempenhar com mais ênfase a sua inserção na sociedade como agentes de transformação e de educação.

A proposta da sexta videoconferência, exposta pela professora Dinéia Domingues, é de estabelecer um diálogo com profissionais da Educação e com agentes de museus sobre visitas e exploração desses espaços do ponto de vista da experiência da criança. O gosto, a disposição e o interesse dos adultos por aproximar crianças de objetos culturais e artísticos se ampliam quando a mediação assegura que as crianças se contagiem da experiência vivida, pensem em voz alta, investiguem com as próprias perguntas. A conferencista parte do pressuposto de que elas exploram as artes como exploram o mundo, com os sentidos, a imaginação e a partir dos conhecimentos e visões de mundo até então constituídos. Para Dinéia Domingues, quando se configuram oportunidades, as crianças usufruem objetos museais como apreciadores desbravadores, iniciantes ou experientes.

Na última videoconferência da série Museu e Escola, o Dr. José Bittencourt, para responder as questões: o que é um museu histórico? O que o diferencia ou o aproxima dos outros museus? Qual o critério da tipologia corrente que separa os museus em: de arte, histórico e de ciência e tecnologia? Responde que os museus de história são um produto do desenvolvimento do movimento museológico ocidental, que se inicia no século XIV, com a ascensão do Humanismo e da Revolução Científica. Seus principais aspectos vêm da invenção, pela imaginação humanista, da distância histórica, que permite, pela primeira vez, separar o passado do presente. No caso dos museus, essa distância manifesta-se no interesse pelos vestígios do passado, cristalizado em fragmentos que passam a ser colecionados e expostos de maneira sistemática, ao olhar dos interessados, num espaço determinado e preparado para tal. Essas características - espaço, exposição, coleção, busca - são as características que os museus guardam até hoje. A partir dessa vertente, a discussão ocorre sobre as principais características de todos os museus: o espaço, a exposição, a coleção.

TABELA 1: tipologia dos museus e objetos expográficos estudados

Tipologia do museu	Objetos Expográficos
Artes	Peças de arte sacra e de mobiliário, pinacoteca, utensílios domésticos e de objetos de uso pessoal, instrumentos de trabalho e de castigo, pecuniários e cerimoniais, esculturas, insígnias e armaria, desenhos, fotografias, vídeos e instalações
Ciências	Modelos em gesso e resina, exposições especiais como as de anatomia comparada, técnicas anatômicas e histológicas, evolução histotecnológica. Coleções de mamíferos fósseis coleções da fauna brasileira atual de mamíferos, aves, répteis e anfíbios, com especial destaque para as espécies do cerrado (animais taxidermizados e dioramas) coleções botânicas com espécies tropicais raras e uma reserva florestal que faz parte do bioma da Mata Atlântica.

História	Pinacoteca, esculturas, objetos decorativos, fragmentos construtivos originários de prédios públicos e privados demolidos, mobiliário, vestuário, utensílios domésticos e de uso pessoal, objetos de iluminação e de transporte, equipamentos e instrumentos de trabalho; b) Textual e Iconográfico: textos manuscritos e impressos, mapas, plantas e projetos arquitetônicos; c) Fotográfico: negativos em acetato e vidro, cópias em papel e material digital suportam imagens fotográficas, datáveis de 1894 até anos recentes; e d) Bibliográfico: composto de livros, periódicos, catálogos, fitas de vídeo, dissertações e recortes de jornais, tendo a história de Belo Horizonte como principal temática e outros temas ligados à história de Minas Gerais e do Brasil, além de obras relacionadas às áreas de conhecimento em Museologia, Arquivologia e Fotografia. Peças originais dos séculos XVIII ao XX, que representam os mais variados ofícios do homem brasileiro: ferramentas, utensílios, máquinas e equipamentos diversos que, individualmente ou em conjunto compõem o universo do trabalho.
-----------------	--

Fonte: Relatório de Pesquisa. SHA APQ 7059-506/07.

No segundo ano da pesquisa foi processada a observação das expografias através de planilhas de campo segundo a matriz conceitual que será construída. Quanto à natureza do acervo de cada museu, temos na tabela 1, a descrição dos objetos expográficos reunidos por cada museu, obtidas nos documentos online dos museus (BOSSLER e NASCIMENTO, 2009).

O público alvo atendido pelos seis museus é praticamente o mesmo, sendo que as escolas representam visitante de maior relevância. Os museus declararam possuir estratégias diferenciadas para públicos especiais, como portadores de necessidades especiais (deficientes visuais) e público da terceira idade. Os agendamentos acontecem por telefone, podendo haver ou não troca de correspondência impressa para confirmação da visita. Todos os museus participantes da pesquisa tinham taxas para o ingresso em suas dependências, assim como entrada franca em um dia da semana. O que encontramos como diferença são as políticas de isenção empreendidas por cada museu. Para alunos das escolas públicas tem-se desde descontos de 50% à isenção de cobrança de taxa. Já para os professores, encontramos desde uma redução da taxa mediante número de alunos previstos para a visita, à obtenção de um passe livre com validade de um ano.

Reconhecemos no discurso oficial haver, para os museus, sobreposição de sentido para ação educativa e os projetos desenvolvidos por eles no campo educativo. Assim, quando questionados sobre as ações educativas empreendidas por eles, frequentemente descreviam os projetos em seu caráter educativo. Nesse sentido, as funções de acolhida ao público escolar se confundem com os diversos projetos de extensão desenvolvidos pelos museus. Podemos inferir que por se tratar de uma ação não escolar, do ponto de vista do museu, tanto o atendimento às escolas quanto os projetos de formação compõem o leque da ação educativa institucional. Por outro lado, a escola focaliza no atendimento escolar como principal ação educativa do museu. Muitos professores ignoram todo o leque de projetos existentes nos “bastidores do museu.” Embora apareça no discurso oficial dos museus investigados o reconhecimento e o esforço para constituição e fortalecimento de contextos educativos nos museus, as visitas escolares não tiveram o destaque que esperávamos na fala dos entrevistados, enquanto ação educativa que são.

A partir da leitura interpretativa dos dados, entendemos que para esses museus as categorias relevantes para o estudo das ações educativas de uma maneira geral foram: a duração da ação, as relações entre os sujeitos e destes com os objetos, a performance dos mediadores culturais, o *script* a ser cumprido ao longo da ação, o número de visitantes por mediador cultural. Para o planejamento da ação foram destacados: o perfil dos sujeitos envolvidos, a existência de registros de avaliação, a existência de material de apoio anterior à visita, e atividades específicas para os professores. Além disso, conhecer os rituais que antecedem e precedem a ação educativa são importantes para a compreensão do contexto da ação educativa, sendo que obter tais informações foi relatado de forma recorrente como sendo o grande desafio para as equipes dos setores educativos nos museus

investigados. Embora sejam escassas as informações de como a visita se desenrola, há no discurso muitos apontamentos sobre seus bastidores.

De forma geral, retomamos do discurso oficial, um modelo de visita guiada ao museu que começa com uma fala geral aos visitantes onde são apresentados ao tema e são informados sobre as regras de visita. Em seguida, os visitantes circulam de forma semilivre, tendo os mediadores por perto, caso necessitem de alguma informação. Os museus depositam no professor a responsabilidade de escolha do roteiro da visita, algumas vezes oferecendo-lhes possibilidades de percursos, com oficinas e orientações específicas das exposições temporárias. Os professores podem participar, em alguns museus, de uma formação prévia obrigatória, a partir da qual elegem o roteiro que pretendem seguir com seus alunos.

Sobre a existência e o formato de atividades formativas específicas para os professores, não encontramos uma estratégia única para os museus, embora todos os museus declarem possuir estratégias formativas para os professores que acompanham os alunos. Em todos os museus em que há essa preocupação, são oferecidos programas nos quais os professores vivenciam um momento no museu antes da realização da visita, diferindo na duração e continuidade destas atividades em cada museu. Ao longo das atividades os professores têm a possibilidade de definir o roteiro que desejam para a visita com seus alunos.

Sobre a participação dos mediadores culturais no planejamento das ações, a partir de 70 questionários respondidos por aqueles que participaram de nossa pesquisa, constatamos que 81% declararam participar sempre da organização prévia das atividades, sendo que apenas 1,4% disseram nunca participar. A mesma percentagem, (1,4%) foi encontrada para os agentes que declararam participar do planejamento apenas quando há um evento especial.

Ainda sobre os mediadores culturais dos museus participantes, em 2008, constatamos a predominância do sexo feminino (68%) contra 32% de homens. Quanto a formação desses, 82% eram alunos de cursos de graduação. Dos 18% dos mediadores que declararam ter um curso universitário concluído, 22% tinham uma nova graduação em curso e 11% buscavam obter concluir um curso de pós-graduação. Havia um único sujeito com formação técnica a nível médio em Turismo e Lazer.

Com relação aos cursos de graduação de origem desses sujeitos, verificamos que eles pertenciam aos cursos de artes, letras, turismo, história, ciências biológicas, geografia e pedagogia, de instituições públicas e privadas.

Quando perguntados sobre a existência de formação específica para a atuação em museus em seus cursos de graduação, 67% dos mediadores disseram haver este tipo de conteúdo em seus cursos. Destes, 36% entendem como “muitas” as oportunidades de acesso a esse tipo de conteúdo ao longo da formação acadêmica, sendo que 27%, embora reconheçam a presença do conteúdo, o classificam como “raros”. Encontramos ainda que 37% dos agentes em exercício declararam não haver em seus cursos essa categoria de formação.

Sobre a formação continuada oferecida pelos museus aos agentes em exercício, temos que 55% desses sujeitos identificam em sua rotina a existência de atividades formativas para sua atuação, contra 45% que acreditam não haver este tipo de atividade.

Em nosso estudo observamos que os museus, no quesito de formação dos mediadores culturais, optaram por estratégias diferenciadas quanto ao formato e a duração. Alguns museus priorizaram o domínio do conteúdo temático de suas exposições e o acompanhamento de um mediador referência em um período de até seis meses de formação inicial, enquanto outros investiam em leituras relacionadas ao universo museológico, entendendo ser esta a etapa formativa desses sujeitos. Uma prática de referência é sempre tomada como modelar, e algumas vezes defendem mesmo um padrão de atendimento ao visitante. Uma dinâmica constante foi a instalação de encontros ou grupos de estudo entre as equipes com discussões de casos efetivos da prática de atendimento ao público.

Conclusões

Em um estudo comparativo dessa natureza poderíamos trabalhar com a hierarquização das estratégias empreendidas pelos museus, supondo haver modelos mais e menos eficientes para gestão das ações educativas. Contudo, neste estudo, nosso interesse fundamentou-se na possibilidade de, ao conhecermos melhor os elementos constitutivos eleitos pelas instituições para a composição das ações educativas, podermos oferecer aos museus estudados e aqueles que desenvolvam atividades similares, um repertório de estratégias para a ação. Nas aproximações e nos distanciamentos observados, cada gestor poderia repensar sua própria prática ao reconhecer-se ali, e aventurar-se por novos percursos a partir dos exemplos de outros museus.

É importante considerar também, que este estudo, ao propor-se a um diagnóstico, sofre as limitações próprias desse tipo de análise, tendo em vista que um diagnóstico é apenas o panorama observado em um determinado momento temporal. Por mais que as entrevistas possuam referências a acontecimentos no passado, trata-se do ponto de vista de sujeitos inseridos em um dado momento histórico em que a conversa se desenrolou. Diz respeito, portanto, àquele momento e ao jogo de imagens dos interlocutores envolvidos na interação face a face. Além disso, é importante apontar ainda que há nessa pesquisa uma limitação de ordem metodológica, devido à multiplicidade de fontes e de gêneros discursivos compondo estas fontes. Ao manifestar-se, cada sujeito elegeu o que dizer e o que calar, o que gerou para o pesquisador inúmeras vezes uma narrativa lacunar. Nesse sentido, e considerando que este estudo integra um estudo maior, sugerimos realizar posteriormente outros movimentos para coleta de dados.

A partir de nosso diagnóstico então, o que haveria em comum e de singular entre os museus estudados por nós quanto às ações educativas? Os museus estudados, de uma maneira geral, mostraram identificar a importância do professor nas visitas escolares, revelando iniciativas para transformar o professor de coadjuvante à protagonista da cena educativa. Nesse sentido, o professor pode ser desde o responsável pela escolha do percurso de visita, quanto assumir o papel de orientador dos seus alunos em determinados momentos. A mediação em sua relação de transformação de significado é a mais presente no discurso dos museus investigados em sua interação com os professores.

Os seis museus de nossa pesquisa no que diz respeito à ação educativa, não apresentaram características próprias da tipologia museológica a qual pertenciam, seja arte, história ou ciência. Todos empregavam estratégias de leitura de objetos, narrativas contextualizadas e dinâmicas de grupos. A mediação em sua função de ligação foi igualmente observada buscando apontar nos objetos da exposição o significado desejado pela curadoria. Nas exposições acompanhadas a interatividade contemplativa dominava a reflexiva, mas nossos dados não permitiram aprofundar esta diferença. Os objetos dominaram a cena discursiva com prioridade para seus aspectos estéticos e históricos, muitas vezes predominando narrativas sobre os objetos. Mesmo nos museus de ciências, ainda observamos poucos episódios de interatividade direta durante as visitas escolares, sendo possível observar propostas assim para ações educativas voltadas o atendimento de pequenos grupos. Coletamos uma multiplicidade de materiais pedagógicos produzidos para a complementaridade do atendimento escolar. No espaço deste artigo é impossível tratar dessa diversidade. Adianto que é possível perceber nesses produtos a preocupação das equipes em estender a ação educativa para além do museu.

Podemos dizer que na atualidade os museus compõem o cenário educativo das cidades. Há, portanto, um reconhecimento de que é necessário um maior conhecimento sobre os aspectos educativos e comunicativos de suas ações dos museus e de uma maior aproximação das equipes dos museus com as equipes das escolas. Temos um crescente movimento de profissionalização das equipes dos museus, da construção de planos museológicos mais consistentes em suas propostas pedagógicas e uma emergência da pesquisa desse espaço cultural e educativo. Os museus têm ultrapassado o desafio de educar por meio da sensibilização e organizam ações de formação de novos

públicos e ações educativas com objetivos cognitivos. Como ambiente de fruição cultural, os museus encantam, provocam repulsas ou indignação, despertam curiosidades, ampliam conhecimentos, provocam dúvidas e instigam novas questões.

No que toca às instituições escolares, sobretudo a partir dos anos 1980, constata-se que essas têm aumentado o reconhecimento da importância que os espaços e instituições culturais têm para os processos educativos. Inúmeras têm sido as iniciativas de diálogo das escolas e de professores com outros espaços culturais - em especial os museus - com vistas a explorar o que esses espaços podem oferecer para a aquisição de conhecimentos, para o desenvolvimento de novas sensibilidades, por meio do emprego de outras linguagens e finalidades educativas. A escola, ao aproximar as crianças e os jovens desses espaços espera, também, que os conhecimentos e experiências ali adquiridas contribuam para o desenvolvimento de uma atitude cidadã, que supõe problematização dos usos sociais da memória, das relações e produções materiais e simbólicas do homem ao longo do tempo, em diferentes sociedades e culturas.

Agradeço ao apoio do CNPQ e da Fapemig e a todos da equipe

Dra. Lana Mara de Castro Siman – Uemg
Dra. Júnia Sales Pereira - Ufmg
Dra Ana Paula Bossler - Estágio de Pós-doutoramento-Professora da Uftm
Dra Soraia Freitas Dutra - Professora do CP/Ufmg
MSc.Carla Ferreti Santiago – PUC - Minas
MSc. Greciene Lopes Santos - Doutoranda da FaE/Ufmg
MSc. Mariana Queiroz Bertelli - FAE/Ufmg
MSc. Flavia Klausing Gervásio - Doutoranda da Unirio/RJ
Ana Cláudia Calciolari Rossi - Bolsista de Aperfeiçoamento Técnico - Fapemig
Bárbara Elisa Santos Carvalho - Bolsista de Iniciação Científica - CNPq
Michele de Mello Lara - Bolsista de Iniciação Científica - Fapemig
Luana Puf - Bolsista de Iniciação Científica - Fapemig
Felipe Leonardo Soares Ribeiro - Bolsista de Iniciação Científica – PUC - Minas
Neilia Marcelina Barbosa – Bolsista de Iniciação Científica-Fapemig
Tiago Almeida - Bolsista de Aperfeiçoamento Técnico - Fapemig

REFERÊNCIAS

BOSSLER, Ana Paula da Costa ; NASCIMENTO, Sylvania S. Diagnóstico comparativo das ações educativas desenvolvidas em seis museus de Minas Gerais (Brasil). In: COSTA VAL, Andréia Vanessa da; MATTOS, Carmem Lúcia de ; BARBOSA Cátia Rodrigues; OLIVEIRA, Erico Anderson de (Org.). *Museus, Museologia e Sociedade: 1º Fórum Franco Brasileiro de Museus*: Belo Horizonte: Tribunal de Justiça de Minas Gerais, Centro Federal Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2009, 181 p. (ISSN 2176-6754).

BOSSLER, Ana Paula Costa. *Indicadores de gêneros educativos na mídia radiofônica*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação - UFMG. 2004.

BERTELLI, Mariana Q. *Identidades, Imagens e papéis museais nos discursos institucionais sobre a relação museu-escola*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BRASIL- MINC-IBRAM. *Museus em números*. V. 1. Ibram: Brasília. 2011.

BRUNO, Maria Cristina. O ICOM-Brasil e o pensamento museológico brasileiro. *Documento selecionados*. Pinacoteca. Governo do Estado de São Paulo: São Paulo. 2010.

COSTA, Cristiana Batista; NASCIMENTO, S. S. Um final de semana no Zoológico: um passeio educativo. *Ensaio. Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 4, n.1, p. 79-89, 2002.

CORREA, Ana Lúcia L. *A prática de leitura e da escrita em aula de física mediada por textos de divulgação científica*. 2003. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação - UFMG.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin e Y. S. Lincoln (Ed.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 1-28). Thousand Oaks: SAGE Publications, 2000.

DUTRA, Soraia F. *A educação na fronteira entre museus e escolas: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LINCOLN, Y. S.; GUBBA, E. G. *Naturalistic Inquiry*. Beverly Hills: SAGE Publications, 1985.

MARANDINO, Martha. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciências. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, v. 12. (suplemento), p. 161-181, 2005.

NASCIMENTO, Erika .G. *Interatividade entre visitantes de grupos escolares e objetos expositivos: um estudo de caso no Exploratório Leonardo da Vinci*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação- UFMG, 2003.

NASCIMENTO, Sylvania S. *Educação para o patrimônio: um diálogo com os museus de Minas Gerais*. Relatório de Pesquisa. (FAPEMIG. SHA APQ 7059-506/07). 2009.

NASCIMENTO, Sylvania S.; ALMEIDA, Maria José M de. O conceito de mediação na fala de diretores de museus de ciências de Belo Horizonte: reflexões para a construção de uma prática educativa para o ensino de Física. Atas do XVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE FÍSICA – SNEF 2009 – Vitória, ES. Disponível em: <<http://www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/snef/xviii/sys/resumos/T0372-1.pdf>>. Acesso em: 04/04/2012.

NASCIMENTO, Sylvania S. *Situações argumentativas no processo de formação inicial e continuada de professores de Ciências da Educação Básica*. Mimeo. Relatório de pesquisa. (Cnpq. 305092/2004-9). 2007.

NASCIMENTO, Sylvania S. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In. FIGUEIREDO, B & VIDAL, D. (Org.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades ao Museu Moderno*. Ed. Argumentum. CNPq. Belo Horizonte, p. 221-239, 2005.

NASCIMENTO, Sylvania S. *Essai d'objectivation de la pratique des associations de culture scientifique et technique française*. (Tese de doutorado) Universidade Pierre et Marie Curie: Paris. 1999.

NASCIMENTO, Sylvania S. Museums, Sciences & Technology and society: a challenge of generations. In. TOMASTKIM, A. ; VALENTE E. (Org.). *Proceedings of 34 CIMUSET Conference* (cd-rom). MAST: Rio de Janeiro, 2006.

NASCIMENTO, Sylvania S. ; VENTURA, Paulo C. S. Mutações na construção dos museus de ciências. *Pro-posições*, v. 12, n. 1 (34), p. 126-138, 2001.

NASCIMENTO, Sylvania S. ; VENTURA, Paulo C. S. A dimensão comunicativa de uma exposição de objetos técnicos. *Ciência e Educação* (UNESP-Bauru), v. 11, p. 445-455, 2005.

PUTNAM, R. T., & BORKO, H. What do new views of knowledge and thinking have to say about research on teacher learning? *Educational Researcher*, v. 29, n. 1, p. 4-15. 2000.

SANTOS, Greciene Lopes. *Ação educativa museal: marcas institucionais e registros documentais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

Recebido em: 06 de fevereiro de 2012.
Aprovado em: 08 de dezembro de 2012.

